

# HERÓIS, ORÁCULOS E REIS: A CONSTRUÇÃO DE GENEALOGIAS ILUSTRES E IMAGINÁRIAS NAS LITERATURAS DA ANTIGUIDADE AO RENASCIMENTO

Raphael Dias Barcellos\*  
Faculdade de Letras da UFMG

RÉSUMÉ: Pendant l'Antiquité Classique, le Moyen Âge et la Renaissance les dynasties ou les familles nobles avaient coutume de se forger une ascendance imaginaire parfois liée à des personnages littéraires fabuleux. Dans cette tentative destinée à se légitimer politiquement et idéologiquement, il faut retenir le rôle important joué par des personnages comme Énée et Arthur. Ce travail présentera et commentera quelques exemples de cette ressource employée par les diverses littératures anciennes et modernes, comme c'est le cas dans l'*Énéide* de Virgile, les Livres de Lignages portugais, certains récits de chevalerie et poèmes épiques de la Renaissance italienne et anglaise.

MOTS-CLÉS: merveilleux; genealogie mythique; épopée; roman de chevalerie; matière de Bretagne.

Tanto na Antiguidade clássica quanto no Medievo e no Renascimento, os indivíduos pertencentes a importantes famílias e à nobreza eram essencialmente definidos por sua posição em uma intrincada rede de relações sociais. As alianças políticas que realizavam entre si, suas relações de interdependência e os componentes familiares que os inseriam em uma complexa trama linhagística, criavam elos (reais e imaginários) entre os nobres e seus antepassados. Quando os elos reais não eram suficientes, apelava-se para o imaginário, elemento pertencente ao *Maravilhoso*.

---

\* raphaelbarcellos@hotmail.com

Os contornos desse *Maravilhoso*, seja ele definido como um *universo de objetos*,<sup>1</sup> como o fez o historiador Jacques Le Goff, seja ele um *gênero literário*,<sup>2</sup> como o definiu Todorov, por abranger elementos do folclore e imaginário dos povos, abarca também inúmeros mitos considerados fundacionais, em que dinastias reais ou nobres famílias procuravam forjar para si origens míticas.

Tais mitos, impregnados por gestas fantásticas de heróis muitas vezes fabulosos, em diversas vezes serviram como origem e legitimação para inúmeras civilizações ou, como ocorreu na maioria dos casos, como elemento de gloriosa ascendência para uma determinada família no seio de uma sociedade.

Como definiu Jacques Le Goff em sua obra *O Maravilhoso no Ocidente Medieval*, esse maravilhoso fundacional, definido pelo historiador como *Maravilhoso Político* foi, na Idade Média, largamente utilizado por governantes e por outras autoridades com fins políticos.

Le Goff pontua que essa modalidade do *Maravilhoso*, além de conferir grande fascínio e imenso respeito àqueles que dele se apropriavam, era muitas vezes inquietante e ambígua. Como exemplo, o autor refere-se à história de Melusina, a fabulosa criatura medieval, metade mulher e metade serpente, que muitas vezes foi reivindicada como antepassada, uma espécie de totem, por diversas famílias, e utilizada como instrumento de política e poder.

Le Goff lembra ainda que o exemplo mais intrigante desse maravilhoso político ambíguo é o da ascendência “melusiniana” dos Plantagenetas, nobres de origem francesa, que se tornaram reis da Inglaterra.

Quanto a essa questão, há uma curiosa informação mencionada pelo historiador André Maurois em sua *História da Inglaterra*:

Henrique II Plantageneta era conhecido por descender de poderosa e terrível família. Entre os seu antepassados angevinos havia aquele Foulque o Negro, que passava por ter mandado queimar sua mulher e que obrigara o seu filho a solicitar uma graça de quatro pés, selado como um cavalo. Uma de suas avós, Condessa de Anjou, passava por ter sido feiticeira e por ter voado um dia pela janela de uma igreja. Seu filho, Ricardo Coração de Leão, compelido a justificar a crueldade

---

<sup>1</sup> Cf. Le Goff, J. *O maravilhoso e o cotidiano no Ocidente Medieval*. Tradução de José Antônio Pinto Ribeiro. Lisboa: Setenta, 1985.

<sup>2</sup> Cf. Todorov, T. *Introdução à literatura fantástica*. Tradução de Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 1975.

de sua família, dirá depois que tal família não podia deixar de ser desunida, pois todos vinham do Diabo e voltariam ao Diabo.<sup>3</sup>

Como visto acima, Ricardo recorria à lenda de Melusina como meio para explicar suas ações políticas e o modo muitas vezes desconcertante de se comportar como governante. Através do mito de Melusina, portanto, encontrava um meio de justificar aspectos extravagantes e perversos de uma família em que os filhos se armavam contra os pais e se combatiam incessantemente.

Se, por um lado, esse mito serviu para justificar atrocidades e atuou como fonte eficaz de temor e poder, por outro, constituiu-se como uma forte ferramenta utilizada pelos opositores dos Plantagenetas. Como explica Jacques Le Goff, Filipe Augusto, rei francês, procurou servir-se do mito de Melusina como propaganda política e religiosa contra a família de Ricardo, sobretudo em prejuízo de seu irmão, João Sem Terra. Filipe montou uma autêntica campanha em que os emissários e partidários dos franceses diziam que era preciso extirpar os filhos da mulher-demônio.<sup>4</sup>

A busca por um mito fabuloso que fosse capaz de legitimar o poder de um governante ou de toda uma família não foi, entretanto, um recurso empregado apenas pela mentalidade medieval. Na Roma imperial, tem-se o exemplo de Virgílio e seu épico *Eneida*, poema em que são narradas as gestas de Enéias, único troiano sobrevivente da destruição de Tróia, até a consumação de seus feitos através da conquista do Lácio. Essa epopéia, impregnada de elementos fabulosos, também se insere no rol de obras literárias em que mitos heróicos serviram como ponto de apoio, ascensão e legitimação de dinastias e governos.

Como é conhecido, Virgílio foi uma espécie de poeta oficial do regime do imperador Augusto, que subiu ao poder após o fim do Triunvirato. Na *Eneida*, obra em que são cantadas e idealizadas as virtudes que fundaram e mantiveram Roma, Virgílio foi à lenda de Enéias para fazer desse herói um ancestral legítimo da família Iulia, da qual descendiam Júlio César e o próprio Augusto.

Como é relatado no poema, da cidade de Tróia destruída pelos gregos, foge o pio Enéias, junto a seu pai Anquises, em busca de uma nova terra acolhedora e pacífica. Após inúmeras batalhas, feéricas

---

<sup>3</sup> Cf. Maurois, A. *História da Inglaterra*. Tradução de Carlos Domingues. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, s.d., p. 83.

<sup>4</sup> Cf. Le Goff, *op. cit.*, p. 29.

aventuras e a triste morte de seu pai, a Enéias é concedido, como presente e piedade divina, o terreno italiano como futura e gloriosa morada.

No sexto canto do poema, em que ao herói é permitida uma visita ao Hades, Enéias tem um derradeiro encontro com seu pai, que vaticina a futura glória de Roma e desfila, diante dos olhos do filho, os governantes que assumiriam as rédeas da República e do Império Romano.

Ao final da predição, Anquises estabelece um fio condutor entre o futuro e o passado, e funda uma verdadeira árvore genealógica que se origina em Enéias, e prossegue através de Augusto, no intuito de indicar que aquilo que o herói um dia recebeu como dádiva divina, Augusto manterá de forma incontestada, através do estabelecimento de um novo império universal.

É importante ter em conta a frutífera apropriação da figura de Enéias como ascendência ilustre em muitos poemas e romances medievais e renascentistas. Em inúmeras obras de temática arturiana, por exemplo, os fatos narrados no épico de Virgílio são apropriados e misturados à Historiografia, no intuito de criar raízes grandiosas para os povos em questão. Inglaterra, Portugal, Espanha e Itália utilizaram-se abundantemente desse recurso em muitas de suas obras.

No romance medieval *Sir Gawain and the Green Knight*, escrito em inglês médio, por exemplo, a narrativa em si é precedida por uma espécie de prólogo, no qual a historiografia ficcional romana e uma imaginária listagem genealógica servem como ponto de origem aos eventos narrados a seguir, como a sugerir que a História inglesa seria concebida não mais do que como um prolongamento direto da História de Roma, tendo início com o cerco a Tróia e depois a conquista da Bretanha levada a cabo por Felix Brutus, personagem largamente utilizado na literatura medieval como fundador daquela região:

Siþen þe sege and þe assaut watz sesed at Troye  
þe borþ brittened and brent to brondez and askez,  
þe tulk þat þe trammes of tresoun þer wroþt  
watz tried for his tricherie þe trewest on erþe  
hit watz Ennias þe athel and his highe kynde  
þat siþen depreced prouinces and patrounes bicom  
welneþe of al þe wele in þe west iles  
fro riche Romulus to Rome ricchis hym swyþe  
with gret bobbaunce þat burþe he biges vpon fyrst  
and neuenes hit his aune nome as hit now hat  
Tirius to Tuskan and teldes bigynnes  
angaberde in Lumbardie lyftes vp homes

and fer ouer þe French flod Felix Brutus  
on mony bonkkes ful brode Bretayn he settez.<sup>5</sup>

Como acima referido a respeito dos romances de temática arturiana, os eventos ocorridos em Tróia e suas implicações reais e imaginárias para a história de toda a Europa, servem como ambientação à narrativa e mesmo *leitmotiv* para diversas aventuras. Dessa forma, referências ao cerco da cidade e suas consequências podem ser encontradas nos ciclos franceses de novelas de cavalaria medievais, conhecidos como *Vulgata* e *Pós-Vulgata*, sendo este último traduzido para diversas línguas, dentre elas o Português e Espanhol.

Na tradução da *L'Estoire del Saint Graal* da Pós-Vulgata para o Português, conhecida como *A Demanda do Santo Graal*, Galaaz e Boorz, dois célebres cavaleiros da corte de Logres, dirigem-se ao castelo do rei Brutos, concebido no romance como descendente direto de Brutus da Bretanha, primeiro conquistador do território bretão e neto do próprio Enéias:

E depós vésperas, quando começava noitecer, aveo que acharom uu castelo em uu chaão pequeno. E havia nome “Castel Brut”, por amor de Brutos, que o fezera. E êste castelo o esbulharom os de Troia e o destroírom, quando os Troiaãos foram deitados polos Gregos e quando foram deitados por Elena a mui fremosa. Aquel castelo havia nome “Brut” e era bem assentado, se houvesse abastamento de água. E o senhor daquel castelo era rei e havia nome Brutos, por amor daquel rei Brutos que o poborara primeiro.<sup>6</sup>

<sup>5</sup> “Quando o cerco e assalto a Tróia haviam terminado/ e quando tornada em escombros e cinzas a fortaleza,/ e quando o traidor cujo artifício da insídia fabricou/ e por sua própria perfídia foi afligido, aquele de probos atos que sobre o mundo pisou/ o nobre Eneias e sua ilustre parentela/ terras sujeitaram e senhores tornaram-se/ de quase toda a riqueza das Ilhas Ocidentais./ Quando se dirigiu a Roma o forte Rômulo/ em grande pompa e orgulho, quem a primeiro povoou/ nomeando-a com seu próprio nome, o qual ainda hoje persiste/ Tiro à Toscana dirigiu-se, cidades encontrou/ Longobardos na Lombardia casas erigiram/ e muito além das águas francesas, Félix Brutus/ em muitas margens e escarpas bretãs estabeleceu-se” (tradução nossa). – cf. Tolkien, J. R. R.; Gordon, E. V.; Davis, N. (org.). *Sir Gawain and the green knight*. Oxford: University Press, 1968, p. 1.

<sup>6</sup> Cf. *A Demanda do Santo Graal*. Edição e tradução de Augusto Magne. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional INL/ Ministério da Educação e Saúde, 1944. Vol. I, p. 154.

Aqui, a menção a alguns personagens ilustres e a referência a um passado grandioso apenas servem para aumentar o prestígio e importância dos eventos que ocorrem na narrativa. Ao serem introduzidos personagens de uma tradição greco-latina na literatura medieval cavaleiresca, pretende-se estabelecer um perene fio condutor entre elas e conferir à última a mesma importância e vivacidade heróica da primeira.

Uma terceira obra a nutrir-se da figura de Enéias é a *Crônica do Imperador Clarimundo*, romance de cavalaria português do século dezesseis, escrito pelo poeta e gramático João de Barros, e fortemente impregnado por elementos épicos e destinado a exaltar a *Conquista do Oriente*, perpetrada pelos reis portugueses da época, dentre eles, pelo rei D. Manuel (1469-1521), protetor e mecenas do escritor.

A pedido do rei, João de Barros resolveu estabelecer, em forma de narrativa maravilhosa, as façanhas comerciais, bélicas e culturais da Dinastia de Avis durante o período das expansões marítimas. Anos antes de Luís de Camões, João de Barros criou uma obra que exaltasse a História de Portugal e que a ligasse às grandes proezas da História, o que fez com que o escritor também aproximasse seus heróis da plêiade de guerreiros greco-latinos, em especial a Enéias após a destruição de Ílio.

Clarimundo, personagem central do romance é configurado, aos moldes de Amadis de Gaula, como o “melhor cavaleiro do mundo” e aquele responsável pela futura glória portuguesa. Após executar inúmeras façanhas e prodígios, é anunciado em forma de vaticínio pela boca do mago Fanimor, que de sua descendência surgiriam os principais governantes portugueses, aqueles fadados a exercer grande domínio sobre toda a Europa.

No terceiro e último livro do romance, após ter sido profetizada sua conquista sobre Portugal e anunciada a genealogia ilustre que viria através de seus descendentes, Clarimundo aporta em terras portuguesas e é atacado por guerreiros troianos, remanescentes do cerco de Tróia e que se dirigiram às terras de Lisboa devido às riquezas e promessas do local.

Semelhante a Enéias que se depara com um Lácio habitado por inúmeras tribos latinas com as quais deveria guerrear para exercer o controle da região, Clarimundo e seus companheiros encontram ferozes troianos em Lisboa, que, após lutarem contra gregos que também desejavam povoar a região, os destruíram e conquistaram o castelo de Alcácer. O romance apresenta uma curiosa extensão da batalha entre gregos e troianos que teria ocorrido em terras portuguesas, na tentativa de conferir ao ambiente ibérico uma atmosfera de importância épica:

Caminharam pelo rio acima até chegarem ao outro dia pela manhã defronte do castelo de Alcácer, a tempo que se defendiam os moradores dele de gente estrangeira, que os tinha cercados. E porque entre os Troianos e a fortaleza se metia o rio, foram dez deles a nado à outra parte onde estavam alguns batéis amarrados, e neles se passaram todos.

E com o sentido que os combatentes tinham no combate, tiveram eles tempo para isto fazer; e quando deram sobre eles, conhecendo-se serem Gregos, como inda traziam as chagas de suas dores abertas, começaram de exercitar aquele ódio mortal que lhes tinham; porque estes Gregos eram da companhia de Ulisses, o qual depois do vencimento de Tróia, não podendo tomar o porto de sua pátria, andava perdido, perdendo por uma e outra parte de sua frota. E estes poucos vieram ali aportar nas duas naus que os Troianos na costa acharam perdidas. Os quais escapando daquele naufrágio, e perdimento, saindo em terra, como estavam desbaratados, tanto que acharam sinal de povoação vieram ter àquele castelo de Alcácer, roubando o que achavam pelo campo. E querendo entrar nele por força, chegaram os Troianos a este tempo.

Os Gregos quando os conheceram, parecendo-lhes que inda a fortuna lhes era próspera em vencer Troianos, meteram-se mui rijo, mas eles magoados das perdas passadas começaram de lhes dar a sentir quanto suas cousas tinham sentido. E vendo os que dentro do castelo estavam, que os Troianos eram de sua parte, e com morte de seus inimigos os faziam seguros de traição e engano (inda que não os conheceram), saíram fora e, com seu fâvor e ajuda fartaram as iras no sangue dos Gregos.<sup>7</sup>

Somente após a vitória sobre os troianos – da mesma forma como ocorre a Enéias após derrotar as tribos inimigas – Clarimundo consegue conceber o cumprimento dos feéricos vaticínios de Fanimor e vislumbrar a criação da tão aguardada e ilustre genealogia que em Portugal reinaria.

Portadores de uma função muito parecida às das obras até aqui mencionadas não poderiam deixar de ser mencionados os *Quatro Livros das Linhagens*, produzidos na Península Ibérica medieval e considerados como importantes fontes que alternam trechos narrativos e fabulosas listas genealógicas. Muitas vezes feitos por encomenda, eram registros de nobres famílias, compilados em épocas diversas e que tinham a função de legitimar o poder de alguma família ou justificar seu direito a determinados privilégios.

---

<sup>7</sup> Cf. de Barros, J. *Crônica do Imperador Clarimundo*. Lisboa: Sá da Costa, 1953. Vol. III, p. 115-116.

A sua realização estava intimamente ligada aos interesses da nobreza, porque, registrando as linhas de descendência, tinha-se em vista garantir os direitos patrimoniais das famílias fidalgas.

Como nos outros exemplos acima discutidos, nesses nobiliários, as estirpes aristocráticas portuguesas se inseriam em uma árvore genealógica imaginária, advinda das maiores personalidades universais até então conhecidas, embora neste caso as pretensões almejassem arcos mais elevados, pois tentavam realizar parentescos, em linha direta e sem corruptelas, que remetessem diretamente ao Adão bíblico.

Um exemplo encontra-se no quarto *Livro de Linhagens*, o segundo organizado por iniciativa do Conde de Barcelos, filho do rei D. Dinis (1261-1325). Concebido como uma histórica genealogia universal, tal livro pretendia fazer dos reis portugueses, descendentes diretos do primeiro homem (Adão) e, de sua linhagem, uma continuação exata das narrativas encontradas na Bíblia.

O Livro então começa pelas linhagens que vão de Adão a Jesus Cristo, passando às histórias dos povos hebreus, aos reis e imperadores de Roma, aos reis bretões mencionados nos romances da Matéria de Bretanha, e finalmente à Reconquista, onde iriam entroncar as principais famílias nobres portuguesas.<sup>8</sup> Como visto, portanto, esses *Livros de Linhagens* procuravam criar uma respeitosa e fabulosa ascendência para a nobreza portuguesa.

A quinta e última manifestação literária aqui mencionada que aporta à linhagem troiana encontra-se no épico renascentista italiano *Orlando Furioso*, de Ludovico Ariosto. Tendo também como princípio narrativo o mesmo pressuposto feérico das obras medievais acima referidas, a obra em questão tem por fundo as guerras entre Carlos Magno e os mouros, liderados pelo rei Agramante, e no qual avulta Orlando, o célebre personagem Rolando da gesta francesa *Chanson de Roland*.

Nesse poema, estão também Ruggiero e Bradamante, tidos como descendentes de Heitor – que, ao lado de Enéias, era outra importante figura troiana – através de seu filho Astianatte (Astianax). Sua importância no épico de Ariosto é capital, pois são aqueles destinados a dar origem à nobre estirpe dos d'Este ou Estensi, uma importante família de Ferrara. Vale lembrar, portanto, que esse poema é ainda sintoma de uma sociedade essencialmente nobiliárquica.

---

<sup>8</sup> Cf. Herculano, A. *Portugaliae Monumenta Historica*. Lisboa: Academia Scientiarum, 1867. Scriptores, vol. I, fasc. 2 e 3, p. 230-389.

Vejamus a situação: Ludovico Ariosto nasceu em 1474 e boa parte da sua vida foi passada em Ferrara, onde encontrou protetor em Ercole I e também na figura de seu filho, o cardeal Ippolito d'Este. Para este último, Ariosto trabalhou como secretário e emissário diplomático, o qual exaltou em seu poema épico.

Por ser a Itália daquela época uma sociedade com grandes traços nobiliárquicos, era muito importante ter uma genealogia ilustre, que fizesse a família descender de um grande herói mitológico ou histórico. As cortes italianas tinham todas uma grande tradição cultural, mas, mais do que todas, as de Florença e de Ferrara. Esta última, podia orgulhar-se de ter por ela passado, sucessivamente, os três maiores poetas épicos da Itália: Ariosto, Tasso e Boiardo.

É importante observar como a pretensão dos governantes fazia-se visível antes mesmo de Ariosto: Ercole I d'Este encarregara Boiardo de criar, no *Orlando Innamorato*, um antepassado ilustre para a sua família, tendo o poeta introduzido no poema a figura do cavaleiro Ruggiero com essa finalidade. No entanto, apenas mais tarde, através de Ariosto, é que a personagem de Ruggiero foi plenamente desenvolvida e unida à heroína Bradamante, união da qual, de acordo com o poema, se originaria a “hercúlea prole” de Ippolito.

No poema, a intenção nobiliárquica surge no terceiro canto, no momento em que a maga Melissa conduz Bradamante ao túmulo do mago Merlin, cuja alma assim profetiza a respeito da ilustre genealogia italiana que dela será gerada:

Favorisca Fortuna ogni tua voglia,  
o casta e nobilissima donzella,  
del cui ventre uscirà il seme fecondo  
che onorar deve Italia e tutto il mondo.

L'antiquo sangue che venne da Troia,  
per li duo miglior rivi in te commisto,  
produrrà l'ornamento, il fior, la gioia  
d'ogni lignaggio ch'abbia il sol mai visto  
tra l'Indo e 'l Tago e 'l Nilo e la Danoia,  
tra quanto è 'n mezzo Antartico e Calisto.  
Ne la progenie tua con sommi onori  
saran marchesi, duci e imperatori.

I capitani e i cavallier robusti  
quindi usciran, che col ferro e col senno  
ricuperar tutti gli onor vetusti  
de l'arme invitte alla sua Italia denno.

Quindi terran lo scetto i signor giusti,  
che, come il savio Augusto e Numa fenno,  
sotto il benigno e buon governo loro  
ritorneran la prima età de l'oro.

Acciò dunque il voler del ciel si metta  
in effetto per te, che di Ruggiero  
t'ha per moglier fin da principio eletta,  
segue animosamente il tuo sentiero;  
che cosa non sarà che s'intrometta  
da poterti turbar questo pensiero,  
sì che non mandi al primo assalto in terra  
quel rio ladron ch'ogni tuo ben ti serra".<sup>9</sup>

Além dos exemplos de Enéias, Heitor e Adão, falta ainda acrescentar a participação de Arthur ao relato das genealogias imaginárias. Da mesma forma como os demais, o mítico rei dos romances medievais também foi largamente evocado como ascendente de grande magnitude e prestígio.

Sabe-se que desde historiógrafos ingleses como Geoffrey de Monmouth em suas obras *Historia Regum Brittanæ* e *Vita Merlini*, e Wace em seu *Roman de Brut*, o personagem celta, filtrado pelo ideário cristão como protetor e símbolo da Inglaterra e do Cristianismo, foi utilizado como mítico antepassado da monarquia britânica de Henrique I, filho mais novo de Guilherme, o Conquistador.

---

<sup>9</sup> “Favoreça a Sorte todos os teus desejos/ ó casta e nobilíssima donzela,/ de cujo ventre sairá o grão/ férundo que honrar deve Itália e todo o mundo./ O antigo sangue que vem de Tróia,/ pelos dois melhores rios em ti unidos,/ produzirá o ornamento, a flor, a alegria,/ de toda linhagem que o sol tenha jamais visto/ entre a Índia, o Tago, o Nilo e o Danúbio,/ entre (tudo) quanto existe no meio Antártico e Calisto./ Na prole tua com sumas honras/ existirão marqueses, duques e imperadores./ Os capitães e os cavaleiros robustos,/ portanto, sairão, que com o ferro e o peito/ recuperar todas as honras antigas/ das armas invencíveis de sua Itália deverão./ Portanto, terão o cetro os senhores justos,/ que, como o sábio Augusto e Numa fizeram/ sobre o benigno e bom governos seus,/ retornarão a primeira idade de ouro./ Para que o desejo do céu se cumpra/ a teu favor, que Ruggiero te tem por esposa desde o princípio eleita,/ siga animosamente a sua trilha;/ que coisa não haverá que se intrometa,/ que consiga turbar este pensamento,/ até que não mande no primeiro assalto em terra/ aquele cruel ladrão que todo o teu bem te nega” (tradução nossa). – cf. Ariosto, L. *Orlando Furioso*. A cura di Gioacchino Paparelli. Milano: BUR, 2006, p. 139-141.

Séculos mais tarde, durante o reinado absolutista da dinastia Tudor, especificamente durante o governo de Elizabeth I (1533-1603), o poeta Edmund Spenser escreveu sua obra máxima, o poema *The Faerie Queene*, obra protestante e profundamente alegórica, voltada à exaltação da dinastia Tudor e da rainha Elizabeth I, a “Gloriana” ou Rainha das Fadas, do poema.

Grande defensor da causa Anglicana, Edmund Spenser elaborou uma longa epopéia, aos moldes medievais e renascentistas, de celebração da causa protestante e encômio à dinastia dos Tudors. Para a confecção desta obra, Spenser serviu-se do imaginário medieval das gestas arturianas e carolíngias, também no intuito de estabelecer uma fabulosa genealogia para a família de sua célebre rainha, Elizabeth I.

Para isto, o poeta valeu-se da figura do rei Arthur e o empregou como uma espécie de precursor da linhagem dos Tudors. Sendo assim, aos moldes do romance cortês, o rei celta é figurado como um cavaleiro perfeito, dotado das mais elevadas virtudes da cavalaria e da cortesia. Sua aparição no poema se dá de forma elegante, suntuosa, repleta de cores frescas e vibrantes:

At last she chanced by good hap to meet  
 A goodly knight, faire marching by the way  
 Together with his squire, arayed meet:  
 His glitterand armour shined farre away,  
 Like glauncing light of *Phoebus* brightest ray;  
 From top to toe no place appeared bare,  
 That deadly dint of steele endanger may:  
 Athwart his brest a bauldrick brave he ware,  
 That shynd, like twinkling stars, with stons most pretious rare.<sup>10</sup>

E também:

His haughtie helmet, horrid all with gold,  
 Both glorious brightnesse, and great terrour bred;

---

<sup>10</sup> “Finalmente aconteceu que a donzela, por feliz acaso,/ encontrou-se com um vistoso cavaleiro, que pelo caminho marchava/ junto a seu escudeiro, adequadamente vestido:/ sua resplandecente armadura brilhava à distância/ Como a reluzente luz dos feros raios de *Febo*:/ do topo aos pés lugar desprotegido não havia,/ que golpe mortal de aço por em risco pudesse:/ inclinado no peito, esplêndido cinturão portava,/ que brilhava como cintilantes estrelas, dotado de pedras do mais raro preço” (tradução nossa). – cf. Spenser, E. *The Faerie Queene*. London: Penguin Books, 1987, p. 126.

For all the crest a dragon did enfold  
 With greedie pawes, and over all did spred  
 His golden wings: his dreadfull hideous hed,  
 Close couched on the bever, seem'd to throw  
 From flaming mouth bright sparkles fierie red,  
 That suddaine horror to faint harts did show;  
 And scaly tayle was stretcht adowne his backe full low.<sup>11</sup>

Upon the top of all his loftie crest,  
 A bunch of haires discoloured diversly,  
 With sprinckled pearle, and gold full richly drest,  
 Did shake, and seem'd to daunce for jollity,  
 Like to an Almond tree ymounted hye  
 On top of greene *Selinis* all alone,  
 With blossomes brave bedecked daintily;  
 Whose tender locks do tremble every one  
 At every little breath, that under heaven is blowne.<sup>12</sup>

Guerreiro sagaz e pio, em *The Faerie Queene*, Arthur assemelha-se a um *deus ex maquina*, cuja intervenção ocorre no clímax de todos os seis livros que constituem o poema. Seja como o cavaleiro apto a resgatar São Jorge do calabouço de um gigante, seja como o escolhido a dizimar tropas de cavaleiros pagãos, Arthur é aquele predestinado a casar-se com Gloriana (Elizabeth I), a única soberana a equiparar-lhe em magnificência e autoridade.

Em *The Faerie Queene*, o rei de Camelot apaixonou-se pela Rainha das Fadas, ao vislumbrá-la em um sonho. A partir daí, apesar de não ter conhecimento da existência do herói, a soberana torna-se objeto de sua demanda, a qual ele busca incessantemente em todos os livros que compõem o poema:

<sup>11</sup> “Seu elmo imponente era, em ouro banhado/ que tanto glorioso esplendor quanto grande terror produzia;/ pois como cimeira, um dragão disposto estava/ com ávidas patas. Acima se espalhavam/suas douradas asas. A terrível cabeça/ próximo à viseira do elmo arremessar parecia/ chispas ardentes de sua boca flamejante/ repentino horror para pusilânimes corações;/ e uma escamosa cauda estendia-se costas abaixo” (tradução nossa). – cf. Spenser, *op.sit.*, p. 126.

<sup>12</sup> “Acima do topo de sua elevada cimeira/ um cacho de cabelos diversamente desbotados/ coberto por esparsas pérolas e com ouro, ricamente enfeitado,/ balouçava ao vento e parecia bailar de alegria,/ qual uma amendoeira, no alto elevada,/ solitária no topo da verdejante *Selinus*/ com magníficas flores caprichosamente adornada;/ cujos flocos, um a um, tremem,/ ao mínimo vento que sob o céu é assoprado” (tradução nossa). – cf. Spenser. *op.sit.*, p. 127.

When I awoke, and found her place devoyd,  
 And nought but pressed gras, where she had lyen,  
 I sorrowed all so much, as earst I joyd,  
 And washed all her place with watry eyen.  
 From that day forth I lov'd that face divine;  
 From that day forth I cast in carefull mind,  
 To seeke her out with labour, and long tyme,  
 And never vow to rest, till her I find.<sup>13</sup>

É interessante notar a forma como Spenser erige a genealogia dos Tudors: no nono canto do primeiro livro do poema, Arthur é descrito como educado por Merlin e entregue por este mago a Timon (Honra em Grego), um sábio ancião, cuja habitação situa-se ao sopé do Rauran, colina situada no País de Gales, mesma região da qual provinha a dinastia de Elisabeth:

Unto old Timon he me brought bylive,  
 Old Timon, who in youthly yeares hath beene  
 In warlike feates th' expertest man alive  
 And is the wisest now on earth I weene;  
 His dwelling is low in a valley greene,  
 Under the foot of Rauran mossy hore,  
 From whence the river Dee as silver cleene  
 His tomling billowes rolls with gentle rore:  
 There all my dayes he trained me up in vertuous lore.<sup>14</sup>

Certamente, o Arthur histórico era corno (da Cornualha), mas Spenser prefere propositadamente inseri-lo no coração da raça britânica e, com isso, conferir à Elisabeth e sua família o mesmo poder secular e

<sup>13</sup> “Quando acordei e vazio seu lugar achei,/ e nada além de espremida grama onde ela havia se deitado/ muito me entristeci, qual antes havia me alegrado,/ e seu lugar todo banhei com olhos úmidos./ Daquele dia em diante passei a amar aquela divina face;/ desde aquele dia tracei em cauteloso propósito/ procurá-la com labor e grande fátiga,/ e jurei nunca descansar, até encontrá-la” (tradução nossa). – cf. Spenser, *op.sit.*, p. 149.

<sup>14</sup> “Ao velho Timon o mago me conduziu imediatamente,/ àquele que foi em seus anos juvenis/ o mais experimentado que já houve em belicosos feitos/ e o mais sábio que em Terra hoje conheço./ Sua humilde morada situada está em verde vale/ sob o sopé do *Rauran*, branco devido ao musgo/ donde o rio *Dee*, claro como a prata/ suas revoltas ondas encrespam com gentil bramido:/ em todos meus dias lá me educou em virtuoso conhecimento” (tradução nossa). – cf. Spenser, *op.sit.*, p. 147.

autoridade religiosa do herói celta. Concebido, portanto, como aquele predestinado a esposar Gloriana, Artur encontrará somente nos Tudors a plena realização de suas nobres pretensões como governante secular e espiritual.

Vale lembrar, no entanto, que a busca dos reis ingleses por uma genealogia iniciada em Arthur não é obra da agudeza e inventividade de Edmund Spenser. Como lembra o medievalista Hilário Franco Júnior, este fabuloso rei bretão chegou a ser utilizado por Henrique II da Inglaterra (1154-1189) como ascendente para justificar suas pretensões sobre Gales, Irlanda e Escócia.<sup>15</sup> Henrique VII, o primeiro Tudor no poder, também se valeu de uma suposta ascendência arturiana como argumento para assumir o trono. Muito influenciado pelos bardos galeses e pelos romances bretões, Henrique VII chegou a conferir a seu próprio filho o nome do rei da imaginária Camelot.

Por fim, vale reiterar que a presença do *Maravilhoso Político*, essencialmente ancorado nas gestas de grandes heróis históricos ou imaginários, originou-se em sociedades de base nobiliárquica e a elas sempre pertenceu. Na medida em que se começou a vislumbrar um Capitalismo nascente, e com ele a ascensão de uma sociedade impregnada por valores burgueses, pôde-se observar também a decadência e inadequação de heróicos enredos e fabulosos heróis na literatura.

Com o surgimento de uma sociedade menos estanque, em que aos indivíduos foi permitido ascender socialmente através do fruto de seu próprio trabalho, as antigas linhas de parentesco deixaram de ser a única forma de *status* e poder. Nesse aspecto, um *Maravilhoso Político* e mesmo o estatuto de um herói fantástico, envolto em fabulosas demandas, perdem sua razão de existência.

Sendo assim, personagens grandiosos, ligados a importantes famílias e conhecidos por seus nobres feitos, dão lugar ao herói burguês comum, preso ao cotidiano das grandes cidades e confinado a uma existência menos gloriosa. Dessa forma, Dom Quixote, o fidalgo deslocado em seu próprio tempo e pertencente a uma classe naquele momento “carente de função”, como salienta Auerbach,<sup>16</sup> configura-se como elemento de transição, mas portador de uma nostalgia ligada a uma era em que prevaleciam os valores de uma sociedade essencialmente nobre.

---

<sup>15</sup> Cf. Franco Júnior, H. *A Idade Média, nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 50.

<sup>16</sup> Cf. Auerbach, E. *A saída do cavaleiro cortês*. In: \_\_\_\_\_. *Mimesis*. Tradução de Suzi Frankl Sperber. São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 119.

## Referências

- A Demanda do Santo Graal*. Edição e tradução de Augusto Magne. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional INL/Ministério da Educação e Saúde, 1944. Vol. I.
- ARIOSTO, L. *Orlando Furioso*. A cura di Gioacchino Paparelli. Milano: BUR, 2006.
- AUERBACH, E. *Mimesis*. Trad. Suzi Frankl Sperber. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- de BARROS, J. *Crônica do Imperador Clarimundo*. Lisboa: Sá da Costa, 1953.
- FRANCO JÚNIOR, H. *Idade Média, nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- HERCULANO, A. *Portugaliae Monumenta Historica*. Lisboa: Academia Scientiarum, 1867. Scriptores, vol. I, fasc. 2 e 3.
- LE GOFF, J. *O maravilhoso e o cotidiano no Ocidente Medieval*. Trad. José Antônio Pinto Ribeiro. Lisboa: Setenta, 1985.
- MAUROIS, A. *História da Inglaterra*. Trad. Carlos Domingues. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, [s.d.].
- TOLKIEN, J. R. R.; GORDON, E. V.; DAVIS, N. (Org.). *Sir Gawain and the green knight*. Oxford: University Press, 1968.
- SPENSER, E. *The Faerie Queene*. London: Penguin Books, 1987.
- TODOROV, T. *Introdução à literatura fantástica*. Trad. Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- VIRGÍLIO. *A Eneida*. Trad. Odorico Mendes. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.